

O Evangelho de Marcos como história testemunhal

Mark's Gospel as testimonial history

*Sidney de Moraes Sanches*¹

RESUMO

Na Modernidade, acostumamos a abordar o Evangelho de Marcos pelo viés da historicidade. Desde que ela lida mal com o testemunho, aprendemos a desprezá-lo como má ou falsa História. A obra marcana, todavia, é uma transcrição de testemunhos. Isso exige colocar a questão da relação entre a História e o testemunho, a recuperação do testemunho na História Oral, e o protagonismo do testemunho na contemporaneidade, chamada Era do testemunho e da História imediata. Somente, após, respondemos à pergunta se o Evangelho de Marcos é uma obra histórica e, se seu autor foi um historiador, compositor de uma história testemunhal denominada Evangelho de Marcos.

PALAVRAS-CHAVE

Evangelho de Marcos. História. Narrativa. Jesus de Nazaré. Testemunho.

ABSTRACT

In Modernity, it is common to approach the Gospel of Mark through the perspective of historicity. Since it deals badly with testimony, we learn to dismiss it as a bad or false history. The Gospel of Mark, however, is a transcription of testimonies. This requires put the question about relationship between History and testimony, the recovering of testimony at Oral History, and the role of testimony at contemporaneity, so-called Era of Testimony, and immediate History. Only, after, we answer the

¹ Doutor em Teologia e pós-doutorando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, em Belo Horizonte (MG), Brasil, onde atua como professor colaborador. Bolsista PNPd/CAPES.

question if the Gospel of Mark is a historical work and if his author was a historian, compositor of a testimonial history called Gospel of Mark.

KEYWORDS

Gospel of Mark. History. Narrative. Jesus of Nazareth. Testimony.

A interpretação moderna do Evangelho de Marcos se baseia na dicotomia entre conhecimento histórico e conhecimento testemunhal, como se história e testemunho fossem modos diferentes de ver ou colher evidência sobre a realidade. A obra marcana é uma transcrição de testemunhos, portanto, o seu autor não historiou os acontecimentos, vendo-os e relatando-os. Ele a produziu a partir da audição de testemunhas dos acontecimentos, que foram, em seguida, reconstruídos por ele, imaginativamente, como se estivesse presente neles, para fazer com o que o leitor os visse. Sua opção pelo anonimato tanto tem a ver com deixar as testemunhas dizerem, quanto com a intenção de construir uma narrativa ampla da vida de Jesus, onde o protagonismo fosse inteiramente dele. O problema é se o autor do texto marciano produziu uma obra histórica e, se ele o fez, de que tipo de historiador e história estamos falando.

Essa questão exige que se trabalhe a relação entre história e testemunho desde as suas origens até os dias atuais, quando ocorreu a virada testemunhal na qual vivemos. De início, examinando o lugar do testemunho na escrita da História. Depois, notando o uso do testemunho na metodologia da História Oral, quando coleta relatos de vida por meio de entrevistas ou depoimentos narrativos individuais que, reunidos, configuram um mundo não perceptível em outros procedimentos historiográficos. Por fim, analisando o fenômeno contemporâneo da autonomia do testemunho em relação à História, a ponto de se falar da contemporaneidade como uma *Era do Testemunho*, que se desapega do papel de fonte histórica, para se constituir em categoria histórica peculiar. E, fazendo breve incursão pela História imediata, na qual o historiador vê os acontecimentos se desenrolarem perante seus olhos e, qual jornalista ávido por dar conta do seu momento presente, busca e cruza todas as informações e fontes que testemunhem sobre ele a fim de informar a qualquer um que queira saber, o que está acontecendo aqui e agora. Podemos, então,

retornar ao Evangelho de Marcos para responder ao problema inicial: foi seu autor um historiador, e foi sua obra histórica?

História e testemunho

Os primeiros historiadores gregos, Heródoto e Tucídides, usaram como evidência histórica os relatos de fatos feitos por testemunhas oculares. O princípio de Heródoto era de confiar no testemunho da testemunha ocular: quanto mais presente ao acontecimento, maior a capacidade em relatá-lo. Tucídides não era tão seguro e, caso não pudesse estar presente ao acontecimento, recolhia o maior número possível de testemunhos diretos, comparava-os uns com os outros e se, possível, se informava sobre as condições nas quais eles foram dados.² Desse modo, os testemunhos eram fontes para a escrita da história, a partir dos quais o historiador recolhia as evidências sobre um acontecimento, recuperando aquilo que foi visto. De fato, o historiador era a testemunha, no sentido daquele que vê:

A palavra “história” (em todas as línguas românicas e em inglês) vem do grego antigo *historie*, em dialeto jônico. [...] Esta forma deriva da raiz indo-europeia *wid-*, *weid-*, “ver”. Daí o sânscrito *vettas*, “testemunha”, e o grego *histor*, testemunha no sentido de “aquele que vê”. Esta concepção da visão como fonte essencial de conhecimento leva-nos à ideia de que *histor*, aquele que vê, é também “aquele que sabe”; *historein*, em grego antigo, é “procurar saber”, “informar-se”. *Historie* significa, pois, “procurar”³.

Outro molde de fazer história, na Antiguidade, foi a escrita da vida de personalidades importantes por seus feitos e ensinamentos extraordinários. Algo semelhante à trajetória de vida de um herói. Chamadas *bíoi*, modernamente, talvez, biografias, elas foram escritas a partir do envolvimento direto de testemunhas nos relatos do personagem biografado, seja como

² COLLINGWOOD, Robin George. *A Ideia de História*. Lisboa: Presença, 1972, p. 45.

³ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 6ª Ed. Campinas: Unicamp, 2012, p. 20 (itálicos do Autor).

um relacionamento estreito com ele, seja por contato com aqueles que dispuseram desse relacionamento, seja por testemunhos de segunda e terceira mão⁴. Um exemplo são as *Vidas Paralelas*, de Plutarco. Este narra as várias vidas de personagens, uma ao lado da outra, a fim de oferecer aos leitores uma compreensão de distintos modos de se conduzir na vida. Sua função e propósito era oferecer exemplos ou modos de viver, portanto, nem informar nem justificar algum acontecimento⁵. Por conseguinte, desde a Antiguidade cristã até a aurora da historiografia ocidental, o papel do historiador foi de reunir testemunhos autorizados de um acontecimento. Sua posição era secundária, visto que ele se mantinha à sombra da autoridade de outros⁶.

A emancipação moderna do historiador se deu com a recusa da dependência absoluta do testemunho, sobretudo o ocular, pois ele deve ver por conta própria. Critica-se o modo de fazer ou escrever história, na Antiguidade, limitado pela memória viva da testemunha, cujo alcance é bastante curto, considerando-se o tempo coberto por ela. A escrita histórica, naquele tempo, se assemelhava à do diário e da crônica do cotidiano de hoje, algo como uma autobiografia ou biografia, como relatos ou testemunhos de vida. Sem outros meios de acesso ao passado, a morte da testemunha significava, para o historiador, o desaparecimento dos acontecimentos. Ainda mais, olhar o acontecimento pela evidência do testemunho era ver a partir dos olhos da testemunha, trazendo alguma ou muita dependência e estreiteza à perspectiva do evento⁷. O testemunho seria uma autoridade externa ao historiador que, caso aceito, desautorizaria o seu próprio ofício. Se quisesse ser mesmo um historiador, ele deveria ir até os fundamentos que apoiam o testemunho e, encontrando-os, deveria desprezar o testemunho como não científico, não histórico⁸.

⁴ HEAD, Peter M. "The Role of Eyewitnesses in the formation of the Gospel tradition". *Tyndale Bulletin*, vol. 52, n. 2, 2001, p. 294.

⁵ ACHUGAR, Hugo. *Historias paralelas/historias ejemplares: La historia y la voz del otro*, in: BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo. *La Voz del Otro: testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. 2ª Ed. Guatemala: Abrapalabra, 2002, p. 70-71.

⁶ HARTOG, François. *Evidência da História. O que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 217-220.

⁷ COLLINGWOOD, 1972, p. 46-50.

⁸ COLLINGWOOD, 1972, p. 380.

O historiador moderno precisa de uma visão ampla da realidade e, visto que tudo que vem do passado, vem na forma do testemunho, o método historiográfico moderno o reconhece como sua fonte primária que deve ter sua perspectiva ampliada, examinando os vestígios materiais deixados no tempo. Estes são coletados pela Arqueologia e ciências afins. Ele também busca o auxílio de fontes documentais, as quais, habilitadas para o seu manuseio, lhe dá condições de atestar diretamente o fato e apresentar a evidência apenas apontada pelo testemunho. Nesse caso, até os relatos das testemunhas de acontecimentos recentes ou atuais servem de vestígio material para a observação direta do historiador. De certo modo, o historiador moderno é a testemunha do testemunho sobre o passado⁹. Seu trabalho é fazer os testemunhos dizerem o que ele quer saber sobre o acontecimento, algo parecido com torturar alguém que viu algo, acerca do qual esconde ou não consegue dizer direito o que viu, cuja verdade precisa ser extraída dele. Mesmo depois que ele fala, não se deve crer até que, através da devida crítica metódica, seja possível distinguir o testemunho falso ou ruim, do verdadeiro e bom. É a partir do testemunho ruim ou falso que surgem as regras e os modos para perceber o testemunho bom e verdadeiro¹⁰. Ainda assim se corre o risco de fazer uma história de cola e tesoura. Em sua forma mais simples, se trata de reunir testemunhos, orais ou escritos, fazer um juízo crítico sobre sua probidade, e realizar a sua publicação. Em parte, literário, por meio de uma narrativa homogênea, conexas e convincentes. E, em parte, retórico, no sentido de confeccioná-la considerando um assunto ou tema que se quer demonstrar¹¹.

Recentemente, esse modelo de fazer história está sendo colocado sob juízo pelos próprios historiadores e aqueles que se ocupam da filosofia da História¹². O testemunho é uma afirmação da memória que se torna documento arquivado usado pelo historiador como evidência do acontecimento passado. O que o historiador faz é dar voz ao documento, sendo

⁹ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 72-74.

¹⁰ BLOCH, 2002, p. 82-87.

¹¹ COLLINGWOOD, 1972, p. 388; CRUZ CRUZ, Juan. *Filosofia de la Historia*. Navarra: EUNSA, 2008, p. 31-42.

¹² RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007, p. 155, 156, 170-174.

sua voz a representação do fato. Ele se torna testemunha do testemunho. Doravante, seu testemunho será submetido ao exame quanto à confiabilidade da sua interpretação. Entretanto, há testemunhos que não podem ser arquivados e tratados separadamente ao acontecimento. tão somente porque o testemunho é o único vestígio material e fonte documental para o acontecimento. Eles extrapolam a normalidade da vida humana e devem ser examinados por e em si mesmos, sem qualquer outra mediação. Este é o caso dos testemunhos do Holocausto judeu e das catástrofes humanas traumáticas¹³. Na verdade, fazer história implica a reminiscência e rememoração, onde a memória testemunhal funde na narrativa histórica “a cadeia de tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração”¹⁴. A escrita histórica não é mero registro do passado, mas reúne as experiências humanas dando-lhes uma visão de conjunto para o presente. Desse modo, estabelece uma continuidade entre a tradição das antigas gerações, formando a memória coletiva que, transmitida às novas gerações, forma a memória individual das pessoas, também moldando o seu futuro¹⁵.

No entanto, na contemporaneidade, isto é, após os acontecimentos da Primeira e Segunda Guerra Mundial, o que o historiador vê é o estilhaçamento da experiência humana e o bloqueio da sua transmissão. Não há mais tradição nem o quê transmitir. Restam os cacos de experiência que devem ser retomados a partir da memória das testemunhas vivas dos acontecimentos. Desse modo, o historiador é um recolhedor de cacos, um narrador de sucatas, de pedaços de coisas que vai encontrando pelo caminho, e tão somente os relata aos presentes, sem pretender outra significação maior para eles. O que lhe resta de mais natural é o senso prático e a capacidade de prover sabedoria para a vida. O que o historiador deve privilegiar a partir do que vê, no presente, é a memória breve da narração que se dá no testemunho: “em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalcado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda

¹³ RICOEUR, 2007, p. 186-187.

¹⁴ BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 211.

¹⁵ ALMEIDA, Davi da Costa. “Hannah Arendt e Walter Benjamin: História, memória e narrativas perdidas”, in *Filosofia & Educação*, Vol. 7, No. 3, outubro 2015, p. 115.

não teve direito nem à lembrança nem às palavras”, e que visa a transformação do presente¹⁶. O passado não importa tanto quanto o agora, na imediatez da sua experimentação, e no significado dele para as vidas humanas. Essa mudança de atitude da parte do historiador somente é possível quando ele ouve o testemunho da testemunha e se coloca a serviço do testemunho. No momento, ele é a testemunha do acontecimento, “que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro”¹⁷.

História oral e a Era do testemunho

Essa proposta inovadora de fazer história é conceituada por Paul Thompson como “a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”¹⁸. Denominada História Oral, seu objeto é a história de vida das pessoas, na compreensão e interpretação das vidas individuais e na análise das sociedades mais amplas nas quais vivem suas vidas. Ela recolhe testemunhos, a partir de entrevistas ou depoimentos narrativos individuais que, reunidos, dão acesso às vozes que, nos moldes tradicionais de fazer história, estão ocultas e são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos históricos. Ao reverberá-las, o historiador oferece outro ver da História. Ao trabalhar com histórias ou trajetórias de vida, a História Oral faz com que as pessoas revejam seus caminhos percorridos, recuperem suas vivências concretas, reavaliem suas possibilidades de escolhas, seja individualmente, seja como representante de sua geração, particularmente no que diz respeito à dor e ao sofrimento¹⁹.

¹⁶ ALMEIDA, 2015, p. 125; GAGNEBIN, Jean-Marie. “Memória, História, Testemunho”, in GAGNEBIN, Jean-Marie. *Lembrar. Escrever. Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006, p.55.

¹⁷ GAGNEBIN, 2006, p. 57.

¹⁸ THOMPSON, Paul. “História oral e contemporaneidade”, in *História Oral*, Vol. 5, 2002, p. 9.

¹⁹ ARAÚJO, Maria Paula. “Memória, testemunho e superação: história oral da anistia no Brasil”, in *História Oral*, Vol. 15, No. 2, 2012, p. 23.

Para além da História Oral, vivemos um tempo marcadamente testemunhal, a ponto da historiografia contemporânea chama-lo de *Era do Testemunho*, com a invenção de um gênero retórico correspondente: o gênero do testemunho, e de uma literatura própria titulada: literatura do testemunho. O lugar do historiador é dado à testemunha privilegiada, que sobreviveu ao acontecimento e permanece em condições de relata-lo a qualquer tempo²⁰. Seu paradigma histórico foi estabelecido no Holocausto judeu, em Auschwitz. A partir dele, houve uma enxurrada testemunhal. Constituiu-se uma economia midiática que funciona à base do testemunho. Ela leva a uma ampliação da noção mesma de testemunha como qualquer pessoa que pode falar sobre um acontecimento presenciado na qual foi vitimada, pois diz respeito, geralmente, à dor e ao sofrimento. Seu testemunho é a memória viva dos acontecimentos, e a testemunha é o/a historiador/a dos novos tempos, sendo ela mesma a condição de existência para o acontecimento²¹.

Na história testemunhal, o testemunho se articula a partir de dois campos de força: de um lado, a necessidade de narrar a experiência vivida; de outro, a sensação de que a linguagem, oral ou escrita, é insuficiente para dar conta dos fatos, beirando o inimaginável e, então, a insinceridade. Portanto, o testemunho é dado sob a marca da necessidade e da impossibilidade²². Sendo feito de pedaços de memórias, o testemunho não pretende construir teorias, antes inaugura uma prática discursiva. Nesta, o que importa é a autoapresentação da testemunha, evidência material do acontecido. Ao dizer o testemunho, ela reencena a experiência vivida para aqueles que a ouvem e veem. Ele é um texto penetrado pela vida, um testemunho de vida. Seu discurso se assemelha à linguagem clínica e terapêutica do acidente traumático. Somente quem o vivenciou é capaz de dizer, não o que realmente aconteceu, mas o seu verdadeiro significado. Nesse caso, “não é necessário possuir ou ser dono da verdade para testemunhar sobre ela de forma eficiente; que o discurso, enquanto tal, é testemunhal sem o saber e que aquele que fala, constantemente testemunha

²⁰ HARTOG, 2013, p. 204.

²¹ HARTOG, 2013, p. 209.

²² SELIGMANN-SILVA, Márcio Orlando. *História, Memória, Literatura*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 46.

uma verdade que, apesar disso, continua a lhe escapar.”²³. Portanto, não existe significação à parte do testemunho, o que é o mesmo que dizer que não houve acontecimento sem a significação dada pela testemunha. Nesta, está a verdade sobre a experiência vivida. “O que constitui a especificidade da figura inovadora da testemunha é, de fato, não apenas o simples relatar, não o simples fato de reportar o acidente, mas a disposição da testemunha para tornar-se, ela mesma, meio para o testemunho – e um meio para o acidente”²⁴.

A memória é a matéria-prima da história testemunhal, é o arquivo sobre o qual o historiador se debruça para saber sobre os acontecimentos relatados pelas testemunhas. Ela é preservada nas testemunhas que não foram até o fundo do processo desumanizador, e sobreviveram, de modo que o viram a certa distância e puderam relatá-los, ao seu final, em sua abrangência. A linguagem usada se aproxima do depoimento em uma corte, com os traços da objetividade e da busca pelo detalhe. As testemunhas pretendem falar pelo todo: a coletividade que viveu o acontecimento inteiro, em uma espécie de testemunho por delegação, suprimindo a fala daqueles que não sobreviveram²⁵. Por sua vez, a memória testemunhal transferida para outros gera uma cadeia testemunhal. As pessoas que o recebem se sentem vinculadas a ela, tornam-se guardiãs da memória, tornando-se testemunhas do testemunho²⁶.

Como fenômeno recente da urgência do Presente na historiografia contemporânea, temos, na escola da História nova, a História imediata ou do presente. Diferente da história voltada para o conhecimento do passado a partir do exame de fatos já estabelecidos, a História imediata lida com a tessitura do acontecimento presente, em seu dinamismo e conexões, cujos “componentes irreduzíveis são, a um só tempo, proximidade temporal da redação da obra em relação ao tema tratado e

²³ FELMAN, Shoshana. “Educação e Crise ou as Vicissitudes de Ensinar”, in NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e Representação: Ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 27.

²⁴ FELMAN, 2000, p. 36.

²⁵ VALLE, Eduardo Garcia. “História e Literatura de Testemunho: A memória do Holocausto em ‘Os Afogados e os Sobreviventes’, de Primo Levi”, in *Emblemas*, Vol. 8, No. 2, jul-dez, 2011, p. 170, 171.

²⁶ FELMAN, 2000, p. 69.

proximidade material do autor em relação à crise estudada”²⁷. Se o objeto é a história enquanto acontecendo, o objetivo é interpretar o acontecimento no menor prazo de tempo possível e, para isso, dar a palavra “aos que foram os atores dessa história. Ela não aspira apenas à rapidez dos reflexos. Ela quer se elaborar a partir desses arquivos vivos que são os homens”²⁸.

Desse modo, verificamos que a história nasceu como exame do Presente, interessada no que as testemunhas tinham a dizer sobre os acontecimentos contemporâneos, em seu tempo imediato. Distanciou-se, na Modernidade, para ocupar-se exclusivamente do Passado, vendo o testemunho somente como um vestígio do acontecimento que, uma vez alcançado, dispensava o testemunho. Entretanto, na Contemporaneidade, ela recupera a importância do ser humano entender seu próprio tempo e, para isso, a exigência de ouvir e ver o testemunho das testemunhas do Presente.

Testemunho e história no Evangelho de Marcos

Richard Bauckham declara que o testemunho de testemunhas oculares foi a maneira pela qual os escritores dos evangelhos lograram obter a memória viva de Jesus de Nazaré²⁹. Ele admitiu a sugestão de Samuel Byrskog de que os evangelhos são um tipo da História oral³⁰. Particularmente, Bauckham indica os registros de testemunhos do Holocausto judeu como “o mais notável caso de pesquisa de história oral”, onde o “testemunho é uma recordação oral não ensaiada, um testemunho particular que não poderíamos ter tido facilmente”³¹. A capacidade desses testemunhos de oferecer conhecimento pronto e imediato dos acontecimentos históricos do Holocausto, especialmente na excepcionalidade

²⁷ LACOUTURE, Jean. “A História Imediata”, in LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 216.

²⁸ LACOUTURE, 2001, p. 217.

²⁹ BAUCKHAM, Richard. *Jesus e as Testemunhas Oculares. Os Evangelhos como testemunho de testemunhas oculares*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 598.

³⁰ BAUCKHAM, 2011, p. 622, 623.

³¹ BAUCKHAM, 2011, p. 624.

do acontecimento, é utilizada por Bauckham para correspondência com os testemunhos sobre Jesus de Nazaré. Ele sugere quatro analogias. Na primeira, o ato testemunhal é revelador do excepcional, do inédito e do maravilhoso do acontecimento histórico. Na segunda, o ato testemunhal é revelador de um acontecimento único, incomparável com qualquer experiência humana ordinária, cotidiana e comum. Na terceira, o ato testemunhal é resultado de uma exigência imperativa imposta pelo acontecimento sobre a testemunha. Na quarta, o ato testemunhal é aceito a partir da confiança na testemunha como único acesso ao acontecimento³².

Trabalhando em outra direção, Walter Brueggemann propõe a construção da teologia do Antigo Testamento por meio da categoria retórica do testemunho: “É extraordinário o fato de que o Antigo Testamento não enfatiza pensamentos, conceitos ou ideias, mas sim, caracteristicamente, o discurso. Deus é aquele de quem Israel fala”³³. Não apenas, todavia, de quem Israel fala, mas também, de Deus que fala a Israel. Segue que a evidência testemunhal não é o acontecimento visto, mas a fala ouvida. O testemunho não é ocular e, sim, auricular: “Não estamos perguntando ‘O que aconteceu?’, mas sim ‘O que foi dito?’”³⁴. Conforme ele: “Sugiro que a maior rubrica sob a qual podemos considerar o discurso de Israel sobre Deus é a de testemunho”³⁵. Brueggemann imagina um tribunal fictício, onde testemunhas são chamadas para dar seu testemunho e cabe ao tribunal decidir sobre o que de fato aconteceu a partir do testemunho dado. Ele enfatiza o papel da testemunha. Esta escolhe o melhor modo de representar o acontecimento, por meio do qual a corte tem acesso a ele. Aceitando o testemunho, ela também aceita a realidade do acontecimento tal qual relatado pela testemunha. Para Brueggemann, quando isso acontece, também acontece a revelação de Deus, isto é: “... quando o pronunciamento na Bíblia é considerado verdadeiro, o testemunho humano é considerado como uma revelação que manifesta a verdadeira realidade de Deus”, ou a verdade sobre Deus³⁶. Sobre o quê de Deus

³² BAUCKHAM, 2011, p. 630-635.

³³ BRUEGGEMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento. Testemunho, disputa, defesa*. Santo André, São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2014, p. 175.

³⁴ BRUEGGEMANN, 2014, p. 176.

³⁵ BRUEGGEMANN, 2014, p. 177.

³⁶ BRUEGGEMANN, 2014, p. 180, 181.

testemunha Israel? Por meio das sentenças declarativas acerca de Deus, testemunha que Javé é um agente ativo em sua história³⁷. Portanto, através do seu discurso, Israel escreve sua história testemunhal, da qual o Antigo Testamento é essa transcrição e registro.

Assim, a ideia comum a ambos os testamentos e, por extensão, toda a Escritura judaico-cristã é que eles são a transcrição do agir de Deus conforme o testemunho ouvido e transmitido, da boca para o ouvido, de Israel, individual e coletivamente, e das congregações seguidoras de Jesus de Nazaré, individual e coletivamente.

Para tratar do testemunho, ambos os autores recorrem ao ensaio seminal de Paul Ricoeur: *A hermenêutica do testemunho*³⁸. Ricoeur entende que o uso do testemunho reflete, primordialmente, a linguagem comum. Nela, temos três contextos de significado. O primeiro é o empírico, onde acontece a fala de alguém que viu ou ouviu, a outro, que ouve o testemunho enquanto vê a testemunha. Entretanto, o testemunho não é dado no vazio, senão para ser compreendido, e aceito ou recusado, o que coloca o segundo contexto de significado: o jurídico. Nele, é preciso haver uma disputa entre as partes, onde testemunhos são dados em favor de uma e de outra parte, sendo que o peso maior está na credibilidade da testemunha. Isso aponta o terceiro contexto de significado: a testemunha e seu comprometimento com o ato de testemunhar, no qual ela “sela sua união com a causa que ela defende mediante uma profissão pública de sua convicção, com o zelo de um propagador, pela devoção pessoal que pode envolver até mesmo o sacrifício de sua vida. A testemunha é capaz de sofrer e morrer pelo que ela crê”³⁹. Essa qualificação da testemunha acentua a dimensão confessional do testemunho, no qual a testemunha narra o que viu e/ou ouviu. Sobre ela pesa uma comissão, que está acima e além de sua vontade em dar testemunho, como se ela fosse impulsionada, ou melhor, enviada a fazê-lo⁴⁰.

Especificamente, quanto ao Evangelho de Marcos, Bauckham admite que temos testemunhos de segunda e terceira mão a partir do que foi

³⁷ BRUEGGEMANN, 2014, p. 183-188.

³⁸ BRUEGGEMANN, 2014, p. 179; BAUCKHAM, 2011, p. 638, 639.

³⁹ RICOEUR, Paul. “A Hermenêutica do testemunho”, in *Ensaaios sobre a Interpretação Bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 122.

⁴⁰ RICOEUR, 2004, p. 127.

ouvido das testemunhas de primeira mão, ou oculares. Isso indica a existência de uma cadeia testemunhal que remonta aos primeiros dias de contato das pessoas com Jesus de Nazaré e sua missão. É observável, nesses testemunhos, a vivacidade do relato direto e linear de um episódio, no caso dos homens que fazem uma abertura no telhado da casa de Jesus (Mc 2,3.4), e na referência 10auditiva do relato do homem cego (Mc 8,24). Ele mostra testemunhos nos quais o relato envolve a reflexão e a interpretação, portanto, uma ação indireta na qual o acontecimento é acompanhado de uma explicação (Mc 4,35-41)⁴¹.

James Dunn acrescenta a esse quadro o entendimento de que entre o período de vida de Jesus e a escrita dos evangelhos, as memórias de Jesus “estiveram em forma de tradição oral. Essas memórias foram compartilhadas, circularam, foram interpretadas, foram elaboradas, mas inicialmente quase inteiramente em formas orais”⁴². Essa tradição oral é o substrato dos evangelhos sinóticos, que “exemplificam os modos pelos quais as memórias de Jesus, suas ações e seus ensinamentos foram formulados, usados e repassados”⁴³. Especificamente, quanto ao Evangelho de Marcos, Dunn reconhece que Marcos escreveu mais do que uma “biografia (*bíos*) de um grande homem, mas um *Evangelho*, o relato da missão de um homem em particular que tornou a salvação possível”⁴⁴. De fato, o texto marcano diz muito sobre a fase oral de transmissão do conhecimento adquirido sobre Jesus pelas antigas congregações de discípulos:

Há muito a dizer a favor de considerar o Evangelho de Marcos como um desenvolvimento natural da fase oral. É quase certo que ele não foi escrito para a leitura privada de um indivíduo, mas para ser lido em voz alta diante de uma audiência. Ele usa os mesmos macetes e as mesmas técnicas da performance oral da tradição. Ele era, com efeito, a versão escrita de uma recitação oral da tradição sobre Jesus⁴⁵.

Desse modo, o Evangelho de Marcos é um relato da vida (*bíoi*) de Jesus, cujo modo de fazer foi a reunião e reprodução de testemunhos

⁴¹ BAUCKHAM, 2011, p. 635-637.

⁴² DUNN, James. *Jesus, Paulo e os Evangelhos*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 71.

⁴³ DUNN, 2017, p. 72.

⁴⁴ DUNN, 2017, p. 82.

⁴⁵ DUNN, 2017, p. 82.

dados a partir da mudança radical da experiência de vida das pessoas afetadas pela missão de Jesus de Nazaré. Eles foram arranjados segundo um plano (*euaggelion*). Neste, ecoa o testemunho central de Israel e, agora, dos discípulos de Jesus de Nazaré: os atos de Jesus substituem os de Javé, e os beneficiados por eles substituem a Israel. Jesus age de modo tão transformador quanto Javé. No plano narrativo do Evangelho de Marcos, as pequenas narrativas episódicas são o lugar de onde são enunciados os testemunhos. Em geral, o enredo é muito simples, normalmente em cinco pontos: alguém vai até Jesus ou é levado até ele; uma dificuldade é apontada; Jesus age de modo a sanar a dificuldade; superada a dificuldade, a pessoa recomeça a vida. Assim, cada testemunho é uma narração, isto é, um testemunho narrativo. Quando somados a outro, e a outro, sucessivamente, os testemunhos narrativos vão compondo uma narrativa global com um enredo geral unificante que constrói uma narrativa testemunhal ampla sobre Jesus de Nazaré. O encadeamento de pequenos testemunhos narrativos, uns aos outros, é feito por meio de encaixes, onde a pequena narrativa é integrada no enredo geral, habilmente formulado pelo Narrador. Este é moldado na sequência narrativa que vai do batismo até a ressurreição de Jesus. Os testemunhos narrativos são colocados entre o início da missão de Jesus até o seu fim, na chegada a Jerusalém. Eles seguem o percurso geográfico do pequeno círculo de discípulos, no reduto galileu, até sua expansão máxima nas regiões sírio-fenícia e da Transjordânia, com uma multidão de seguidores. Esse caminho percorrido por Jesus é pontilhado de pequenos episódios, onde os testemunhos aumentam o conhecimento sobre ele. Até que, ao final, seja conhecido plenamente como o Ungido Filho de Deus.

O plano narrativo marcano se baseia, então, na construção de um enredo próximo da narrativa biográfica do seu tempo. O autor teve conhecimento imediato das testemunhas de primeira, segunda ou terceira mão e, estas, em sua maioria, pertencem ao período do qual são testemunhas. Nele, “os enredos são episódicos e apresentam feitos (ou *gestas*) de um herói numa certa sequência cronológica, começando possivelmente por seu nascimento e terminando provavelmente com sua morte”⁴⁶.

⁴⁶ SCHOLLES, R.; KELLOGG, R. *A Natureza da Narrativa*. São Paulo: McGraw-Hill, 1977, p. 145.

O protagonista é Jesus, o herói, que se dá a conhecer, na medida em que age na sequência dos episódios. Em geral, esse tipo de história biográfica contém vivências do cotidiano registradas sequencialmente. Quando refere a uma pessoa, Jesus, abrangendo um período do tempo, desde seu batismo até sua ressurreição, então, temos uma narrativa empírica biográfica. Nesse caso, “a vida de um só homem proporciona uma fórmula nítida para construir um enredo”⁴⁷. Isto não impede que a obra marcana não apresente traços artísticos para articular as diversas características da personalidade e ação de Jesus e, também, dos demais personagens. De fato: “a narrativa histórica tomará emprestados meios de articulação míticos ou ficcionais na medida em que está disposta a sacrificar a ciência em prol da arte”⁴⁸. Isso significa que o autor busca na sua tradição particular, que também é de Jesus e da maioria dos personagens, elementos e recursos para contar a sua história. Todos esses modos tradicionais de narrar ou historiar, junto com as histórias mesmas, são transmitidos de alguém que as conhece para outro, como um legado. A partir delas, é possível e permitido construir novas histórias, sob o único critério de que elas devem “ser apenas um pouco menos raras do que a narrativa histórica exata”⁴⁹. Assim, a antiga tradição testemunhal narrativa hebraica penetra o plano narrativo marcano. Ela está presente nos encontros das pessoas com Jesus, na admiração e exclamações das multidões em êxtase com suas ações, e nas próprias ações de Jesus que remetem à obra de Deus no meio do seu povo antigo. Também, nos personagens das histórias passadas que retornam na missão de Jesus, como Elias e Eliseu, os grandes profetas do reino do Norte, por acaso, onde estava a Galileia atual. Mais que isso, a missão de Jesus é conformada pelo relato sagrado que veio a se tornar a história de Davi: sua escolha por Deus até a promessa de um trono que durará para sempre. Sem dúvida, Jesus é o Ungido, Filho de Deus, filho de Davi que retém as esperanças de redenção do seu povo em meio ao caos e degradação dos seus dias.

O plano narrativo marcano não busca o realismo das ações de Jesus e dos outros personagens, em primeira mão. Não existe uma identificação

⁴⁷ SCHOLES; KELLOG, 1977, p. 148.

⁴⁸ SCHOLES; KELLOG, 1977, p. 152.

⁴⁹ SCHOLES; KELLOG, 1977, p. 153.

imediate entre os episódios narrados e o acontecimento histórico, como nos acostumamos na Modernidade. Certamente, a distinção entre estória e história, entre plano literário e plano histórico é necessária. Por outro lado, envolve-lo simplesmente na atmosfera do relato sagrado, na conta do mítico, portanto ficcional e irreal, não faz jus nem à compreensão de narrativa empírica, muito menos ao relato marcado como condutor e realizador de uma *práxis*, que requer boa dose de realidade para seus personagens, de modo que eles sejam exemplares ou miméticos. Não centrado na exploração fiel dos personagens e dos fatos como realmente aconteceram, mas nas ações efetuadas em circunstâncias potencialmente realizáveis na vida de qualquer ser humano e, para as quais, o relato marcado oferece a sua resposta na forma de um comportamento sugerido. Afinal, o mundo e a sociedade estão ali presentes tais como eles são, e o mundo do desejo, vontade e realização humana também estão ali presentes tal como eles devem ser, ou como queremos ou sonhamos. Assim, o plano narrativo marcado é “apenas o esqueleto indispensável que, recoberto pelas carnes de personagem e incidente, proporciona o barro necessário que pode receber o sopro da vida”⁵⁰. Misto de literatura (*story*) e história (*history*), as narrativas, aparentemente padronizadas, enunciam a violência e intensidade reais com que as pessoas experimentaram a desintegração das suas vidas, nas possessões demoníacas, nas doenças, na morte. Não são relatos completos, mas pedaços de memória que remetem ao mais importante para elas: a desgraça que tomou conta de suas vidas e o encontro com Jesus de Nazaré, acerca do qual, nenhuma linguagem era suficiente para dar conta, exceto a linguagem do testemunho, fazendo do Evangelho uma obra histórica testemunhal.

Ao ver Jesus ao longe, ele correu e prostrou-se diante dele. Com voz forte, ele clama: “Que tens a ver comigo, Jesus, Filho do Altíssimo? Conjuuro-te por Deus, não me atormentes”. [...] Eles vêm para perto de Jesus e veem o possesso sentado, vestido e são do juízo, o mesmo que tivera o demônio Legião. Ficaram tomados de temor (Mc 5,6.15).

⁵⁰ SCHOLLES; KELLOG, 1977, p. 167.

Ao mesmo tempo, as pessoas precisavam continuar a viver as suas vidas, agora, marcadas por esse acontecimento inexprimível, todavia, não deixando de testemunhá-lo. Doravante, eles precisavam atribuir outro sentido para a realidade vivida, que requeria incorporar o testemunho inevitável. Eles tinham que trabalhar com o excesso de significação por ele introduzido na vida. Ao mesmo tempo, era preciso dar comunicabilidade ao acontecimento. A vida tinha que seguir, não apenas individualmente, mas também entre os outros que recebiam o testemunho, dando à obra um caráter transmissivo: “Jesus não consentiu, mas disse-lhe: “Vai para casa, para junto dos teus, e refere-lhes tudo o que o Senhor fez por ti em sua misericórdia” (Mc 5,19).

Conclusão

A questão que nos trouxe até aqui é: foi o autor do Evangelho de Marcos um historiador, e foi sua obra histórica? Percorremos o caminho do testemunho na historiografia e na filosofia da História, e o plano narrativo marcano, a fim de obter algumas possíveis respostas. Primeiro, se queremos ser justos, honestos e imparciais com o Evangelho de Marcos, não podemos submetê-lo ao modelo historicista moderno. Neste se faz a crítica impiedosa do testemunho da testemunha que viveu e participou do próprio acontecimento, sem apresentar evidências para ele senão seu único testemunho, nem mesmo testemunhas independentes ou, preferencialmente, não diretamente interessadas nele. E, caso apresentadas evidências para fundamentar o testemunho, esse, deixa de ser importante, seu valor se reduz a uma fonte a partir do qual introduzir o historiador ao acontecimento. Ainda mais, o historiador exerce o papel de efetuar o juízo histórico sobre o acontecimento, buscando outros meios para historiá-lo, à parte do testemunho, requerendo uma autonomia e uma autoridade de dizer o que realmente aconteceu e do modo como achar mais conveniente fazê-lo. Nenhuma dessas condições são preenchidas pelo autor, enquanto historiador, muito menos sua obra, enquanto histórica.

Segundo, temos os modelos, contemporâneos a nós, de fazer história: História oral, História testemunhal e História imediata, e os modelos

contemporâneos aos dias do autor do Evangelho de Marcos: o relato histórico de um acontecimento e, o outro, o relato biográfico de um personagem ilustre. Nesses tipos, supomos que o autor esteve inteiramente presente e participativo nas congregações de seguidores. Assim, ele teve acesso a testemunhos de primeira, segunda ou terceira mão, transmissores da tradição oral sobre Jesus de Nazaré. Ele demonstra todo interesse em relatar o que estava acontecendo, e em buscar as conexões entre os testemunhos, que esclarecesse o papel do Ungido no movimento dinâmico que se estabeleceu na Síria-Galileia do seu tempo. Para isso, ouviu testemunhas, coletou seus testemunhos, em alguns casos, buscou até testemunhos colaterais ao testemunho principal e, por fim, julgando o processo suficiente, elaborou o primeiro Evangelho, uma história testemunhal, seguindo um plano narrativo previamente estabelecido para acolher e servir ao fluxo dos testemunhos.

Consequentemente, o Evangelho de Marcos é uma história-narração ou narração histórica, no dizer de Jacques Le Goff, onde a historicidade está presente com a inclusão e o reconhecimento de novos objetos como um testemunho-confissão da realidade⁵¹. Por isso, a obra marcana é uma história testemunhal, de caráter narrativo-biográfico, que pretende ser, retoricamente, uma confissão de Jesus de Nazaré como o Ungido que porta o Evangelho de Deus para toda a humanidade. Nesse aspecto, um tipo bastante peculiar de fazer história, no qual Marcos inaugura o modelo do *euaggelion*. De acordo com o juízo de James Dunn:

ao denominar o relato de toda a missão de Jesus, e não apenas sua morte e ressurreição, de Evangelho, Marcos assegurou que as duas coisas não fossem separadas. O ponto referente à missão de Jesus não poderia ser compreendido separadamente de sua morte e ressurreição; mas nem o significado pleno da morte e ressurreição de Jesus poderia ser compreendido fora do contexto de sua missão como um todo. [...] O evangelho da paixão de Jesus era a parte central, mas não a única parte do Evangelho da missão do galileu que proclamou e viveu até o fim sua mensagem do Reino de Deus⁵².

⁵¹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 6ª Ed. Campinas: Unicamp, 2012, p. 21, 22.

⁵² DUNN, 2017, p. 85.

Referências

- ACHUGAR Hugo. Historias paralelas/historias ejemplares: La historia y la voz del otro, in: BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo. *La Voz del Otro: testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. 2ªa. Ed. Guatemala: Abrapalabra, 2002, p. 61-83.
- ALMEIDA, Davi da Costa. Hannah Arendt e Walter Benjamin: História, memória e narrativas perdidas. In: *Filosofia & Educação*, v. 7, n. 3, out. 2015, p. 114-138. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8642033>. Acesso em: 18/01/2018.
- ARAÚJO, Maria Paula. “Memória, testemunho e superação: história oral da anistia no Brasil”, in: *História Oral*, Vol. 15, No. 2, 2012, p. 11-31. Disponível em:
- BAUCKHAM, Richard. *Jesus e as Testemunhas Oculares. Os Evangelhos como testemunho de testemunhas oculares*. São Paulo: Paulus, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BRUEGGEMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento. Testemunho, disputa, defesa*. Santo André, São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2014,
- COLLINGWOOD, Robin George. *A Ideia de História*. Lisboa: Presença, 1972.
- CRUZ CRUZ, Juan. *Filosofia de la História*. Navarra: EUNSA, 2008.
- DUNN, James. *Jesus, Paulo e os Evangelhos*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- FELMAN, Shoshana. “Educação e Crise ou as Vicissitudes de Ensinar.” In: NESTROVISKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e Representação: Ensaio*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 13-71.
- HARTOG, François. *Evidência da História. O que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HEAD, Peter M. “The Role of Eyewitnesses in the formation of the Gospel tradition”. *Tyndale Bulletin*, vol. 52, n. 2, 2001, p. 275-294.
- LACOUTURE, Jean. “A História Imediata”, in: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 6ª Ed. Campinas: Unicamp, 2012.
- RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- _____, Paul. “A Hermenêutica do testemunho”, in: *Ensaio sobre a Interpretação Bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 113-145.
- SCHOLES, R., KELLOG, R. *A Natureza da Narrativa*. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio Orlando. *História, Memória, Literatura*. Campinas: Unicamp, 2003.
- THOMPSON, Paul. “História oral e contemporaneidade”, in: *História Oral*, Vol. 5, 2002, p. 9-28.
- VALLE, Eduardo Garcia. “História e Literatura de Testemunho: A memória do Holocausto em ‘Os Afogados e os Sobreviventes’, de Primo Levi”, in: *Emblemas*, Vol. 8, No. 2, jul.-dez, 2011, p. 169-185.

Submetido em: 06/01/2018

Aceito em: 14/10/2018